

PERCURSOS LIVRES

Locomoção segura, liberdade, autonomia

[...] autonomia significa o domínio do ambiente físico e social, preservando a particularidade e a dignidade da pessoa que exerce. Nesse caso, o sujeito portador de deficiência tem controle dos vários ambientes físicos e sociais que ele queira ou necessite frequentar para atingir seus objetivos.¹

Este trabalho representa uma pequena fração de um empreendimento imenso, cujo objetivo final é adaptar todos os espaços da UERJ para que seja possível o seu uso de forma plena, com segurança e autonomia, pelas pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida. A universidade está presente na capital e em vários outros municípios do Estado. São dezenove *campi*/unidades externas onde circulam 46 mil pessoas (entre alunos, docentes e servidores), além de visitantes externos. O desafio é, portanto, gigantesco!

O Programa Rompendo Barreiras, vinculado ao Departamento de Acolhida, Saúde Psicossocial e Bem-estar, da Pró-reitoria de Políticas e Assistência Estudantis tem o registro de 122 alunos² com alguma deficiência estudando na UERJ, sendo cerca de 28% com deficiência visual. Este dado refere-se apenas aos alunos que ingressaram na universidade através do sistema de cotas, por isso este número pode ser ainda maior.

No que diz respeito as intervenções físicas nas unidades, a Prefeitura dos Campi é a responsável, e este desafio já vem sendo enfrentado há algum tempo, através do Departamento de Arquitetura e Engenharia (DAENG), cuja equipe é formada por servidores concursados, em sua maioria, além de colaboradores extra quadro.

A incumbência recebida para cumprimento desta pequena fração foi a de desenvolver o projeto de sinalização direcional do conjunto de prédios do Campus Maracanã, onde não há referências edificadas (ex.: corrimão, guia de balizamento, piso tátil direcional, mapa tátil etc.) que orientem o deslocamento de pessoas com deficiência visual ou baixa visão.

O Pavilhão João Lyra Filho é formado pelos Blocos A, B, C, D, E e F com treze pavimentos acessados por escadas, rampas e elevadores. O projeto estabelece duas rotas acessíveis: uma que parte do acesso ao campus pela Rua São Francisco Xavier e outra que parte do acesso pela Av. Rei Pelé, este último muito utilizado pelo público que chega ao campus de metrô. Por ambas as entradas, a pessoa com deficiência visual é conduzida até o hall dos elevadores do Bloco C, por onde se chega a todos os demais blocos. O projeto prevê a colocação de piso tátil direcional e mapas táteis que orientarão o deslocamento por todo o percurso acessível, além da instalação de corrimãos com placas em braile para identificação do bloco e andar e placas informativas do tipo tátil e visual nos elevadores e rampas.

¹ COIMBRA, Ivanê Dantas. A inclusão do portador de deficiência visual na escola regular. 1.ed. Salvador: Editora EDUFBA, 2002.

² Fonte: Documento SEI nº 42160206 do Processo nº SEI-260007/042623/2022

